

Paixão Escrava

© 2017 – Rosana Mates

PAIXÃO ESCRAVA  
Rosana Mates

Todos os direitos desta edição reservados à  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.  
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 - Vila Teixeira Marques  
CEP 13480-970 – Limeira – SP  
Fone/Fax: 19 3451-5440  
[www.edconhecimento.com.br](http://www.edconhecimento.com.br)  
[vendas@edconhecimento.com.br](mailto:vendas@edconhecimento.com.br)

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação – sem permissão por escrito do editor.

Edição de texto:  
Margareth Rose Fonseca Carvalho  
Projeto gráfico: Sérgio Carvalho  
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-399-0  
1ª Edição – 2017

• Impresso no Brasil • Presita en Brazilo

Produzido no departamento gráfico da  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA  
[conhecimento@edconhecimento.com.br](mailto:conhecimento@edconhecimento.com.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Sebastião (Espírito)  
Paixão Escrava/ Sebastião (Espírito) ; Rosana Mates  
– Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2017.  
200 p.

ISBN 978-85-7618-399-0

1. Literatura espírita 2. Obras psicografadas 3. Escravidão I. Título II. Mates, Rosana

17-0868

CDD – 130

Índices para catálogo sistemático:  
1. Literatura espírita – Obras psicografadas

Sebastião

# Paixão Escrava

Obra psicografada por  
Rosana Mates

1ª edição  
2017





### Dedicatória

Dedico esta obra ao Grupo Espiritual Caminho da Luz, que me ajudou, me incentivou e acompanhou o meu trajeto, dando-me forças e me aconselhando a nunca desistir. Agradeço a todos pela confiança em mim depositada, pela amizade e carinho recebidos.

“A felicidade é perpetuada com a simplicidade e a dignidade.”

(Sebastião)



## Sumário

Introdução .....	9
Capítulo 1	
A vida na fazenda .....	11
Capítulo 2	
A cabana.....	26
Capítulo 3	
A história de João .....	32
Capítulo 4	
Ciúme e desconfiança .....	38
Capítulo 5	
Revelação e sofrimento.....	50
Capítulo 6	
Um plano em ação .....	62
Capítulo 7	
Ajudando a sinhá.....	67
Capítulo 8	
Banhos de cura.....	73
Capítulo 9	
Momentos de angústia.....	80
Capítulo 10	
Castigos severos .....	92
Capítulo 11	
Revelações .....	113

Capítulo 12	
A gravidez de Henriqueta.....	124
Capítulo 13	
O dom da criação .....	128
Capítulo 14	
A partida de Bertilo.....	148
Capítulo 15	
Lembranças.....	158
Capítulo 16	
Grandes descobertas.....	165
Capítulo 17	
E tudo mudou.....	176
Capítulo 18	
Enclausurada.....	180
Capítulo 19	
Momentos difíceis.....	190
Capítulo 20	
A separação .....	195



## Introdução

Sebastião tinha apenas oito anos. Era um escravo muito esperto e inteligente, apesar da pouca idade. Filho de Jurema, serviçal do casarão, sofria maus tratos nas mãos de uma sinhá amarga e fria. Cesário, o senhor da fazenda, buscava de todas as formas protegê-lo da obsessão da esposa. Ele e Jurema viviam um romance proibido que só lhes trazia sofrimento e dor. Guardavam um segredo que mudaria para sempre a vida daquele negrinho. Sinhá Maria Henriqueta, em meio ao desespero e desejo de engravidar, buscava ajuda dos velhos escravos Anastácia e Bento através das rodas de conversa, nas noites em que os negros se reuniam para conversar com seus ancestrais pleiteando ajuda espiritual. Foi num desses encontros que eles descobriram detalhes obscuros daquela sinhá e a ligação com seus antepassados, demonstrando que a vida continua mesmo após a morte.

Jacinta, uma bela escrava da fazenda, era apaixonada por João, ambos amigos do negrinho Tião. Eles também viviam um romance às escondidas, mas eram perseguidos por Januário, um homem extremamente cruel e sem nenhum escrúpulo quando desejava atingir os seus objetivos pessoais. Tião ajudava o casal de escravos a viver o seu romance, levando sempre recados para lá e para cá, escapando o quanto podia das garras do perverso capataz da fazenda, que cercava Jacinta de todas as formas em busca de satisfazer os seus desejos mais íntimos. A moça lutava de todo jeito contra a maldade daquele homem, buscando ajuda espiritual para tal tormento. Mas aquela era uma época difícil,

em que alguns homens se sobrepunham aos outros e tiravam proveito disso. Não se conhecia ainda a força e o significado da palavra “igualdade”.

Todos os personagens desta emocionante história, que aconteceu lá pelos idos do século XVII, em terras brasileiras, têm o seu carma a purgar e uma trama a desembaraçar, mas também muitas lições a nos ensinar. Até que Tião descubra a sua verdadeira identidade, desvende a sua história real, muita dor e sofrimento envolverá a todos, inclusive ao leitor, que não ficará de fora da forte carga de emoção contida nesta narrativa.

Por fim, uma grande virada repentina mudará totalmente a vida do negrinho. “Por quê? Por quê?”, em lágrimas, ele se pergunta. Contudo, esta não será a última questão. A história ainda continua. E não haverá quem não chore.

Aguardem novas emoções!

## Capítulo 1

### A vida na fazenda

Era uma manhã de inverno do ano 1630, no interior de Minas Gerais. Fazia frio. Acordei e fui em busca de minha mãe. Saí da senzala de pés descalços; vestia apenas uma calça de algodão rasgada nos joelhos, com uma blusa de linho fina. A terra estava tão gelada que meus pés descalços doíam ao contato com o frio. Olhei em direção à mata. Havia uma névoa branca cobrindo a vegetação, que não me permitia vislumbrar as frondosas árvores. Não se ouvia o canto dos pássaros, ainda recolhidos em seus ninhos, apenas ecoava o ruído das carroças e dos bois que as puxavam em direção à lavoura. Em seguida, vinham homens e mulheres, todos em vestes simples e pés descalços, carregando nos braços balaios e ferramentas de trabalho. Eram escravos embalando cantos alegres em mais um dia de exaustivo trabalho.

Corri em direção à casa grande; sabia que encontraria minha mãe preparando o café da manhã. Enquanto corria, observava a magnitude e beleza da edificação, de cor branca. Janelas percorriam toda a sua fachada. Havia uma escadaria que levava direto à varanda. Passei pelos fundos da senzala e entrei por trás da casa, que encerrava num enorme jardim com palmeiras, pequenas árvores e um lindo roseiral. Fui em direção à porta por onde os escravos adentravam o casarão.

Ao avistar minha mãe, fui logo me sentando para tomar o café da manhã. Acomodei-me em um banco de madeira que havia perto do fogão à lenha; minha mãe então me trouxe uma

caneca de leite quente com um pedaço de pão sovado. Saboreei com satisfação aquela refeição. Com o calor do fogo e a caneca quente de leite, fiquei mais aquecido. Logo minha mãe me avisou sobre as tarefas do dia:

— Tião, meu filho, anda com esse leite. Você sabe que tem coisas a fazer.

— Está bom, mãe! Só estou aqui perto do fogão para me aquecer.

— Tião, você sabe muito bem que sinhá Maria Henriqueta não gosta de vê-lo aqui dentro comigo. Então, se apresse a tomar seu leite e vá cuidar dos afazeres do dia.

— Mãe, não entendo por que só eu não posso entrar aqui. O que fiz de ruim para nossa sinhá?

— Vá, Tião! Vá e deixe de conversa! Tome o rumo da senzala; converse com pai Bento e trate de saber das suas tarefas.

Como todo menino de oito anos, levantei-me um pouco contrariado; queria ficar ali. Dei um forte abraço em minha mãe e saí correndo porta a fora em direção à senzala, onde encontrei o velho pai Bento, um homem de idade avançada. Ele era encarregado de distribuir tarefas aos mais jovens que não iam trabalhar na lavoura. Era um homem de médio porte, cabelos brancos e barba rala, já meio curvado pelo peso do tempo. Andava sempre devagar, com uma bengalinha para apoiar seu peso, e segurava nas coisas. Tinha uma expressão surrada, em decorrência dos anos duros de trabalho. Era um dos escravos mais velhos da fazenda. Havia nascido ali, naquelas terras. A mãe fora capturada grávida e trazida ao Brasil como escrava, sendo comprada pelo senhor Gervásio Vendolino Della Cruz, pai de nossa sinhazinha Maria Henriqueta. Ele era o escravo a quem todos respeitavam, pediam ajuda e conselhos. Era um grande conhecedor de chás e ervas curativas. Era ele quem medicava os escravos feridos ou doentes. Mas o senhor Gervásio não vivia mais entre nós, habitava o mundo dos mortos. Então, a fazenda fora transmitida aos cuidados do marido de sua filha, o sinhô Cesário Queiroz, que passou a ser o dono daquelas terras.

— Bom dia, pai Bento, como o senhor está?

— Bom dia, meu filho, o que aconteceu para estar de pé tão cedo?

— Ah, não sei! Acordei e corri para tomar um copo de leite quente.

— Tião, meu filho, você continua a entrar na casa grande? Sabe muito bem que a sinhá o castiga, se aparecer por lá.

— Mas, pai Bento, não entendo essa sinhá, tão boa para alguns escravos e a mim maltrata como a um cão.

— Tião, sente-se aqui ao meu lado e preste atenção. Há certas coisas na vida que devemos respeitar, mesmo que não a compreendamos. Então, deixe de questionar e faça o que lhe é mandado.

— Eu sei. Sei que não devo mais ir lá, mas é que só lá tem leite quente, pão do dia. Minha mãe sai tão cedo que nem me dá tempo de comer.

— Tião, sua mãe trabalha na casa grande, prepara as refeições da manhã e cuida dos afazeres da casa. Trate de acordar com os outros escravos e fazer sua refeição da manhã. E caso isso não aconteça, venha até mim. Sempre tenho uma caneca de chá com um pedaço de pão. Mas deixe de conversa, o sol já clareou o dia, os pássaros já saíram do ninho e começam a cantar, e você está a conversar comigo. Tratemos logo de suas tarefas.

Então, o meu dia começou. Para os meninos, a vida era mais dura, pois começávamos desde cedo no trabalho. Naquela época, a infância era muito curta. Por mais leve que fosse o serviço, sempre havia algo a se fazer, e só depois que todas as tarefas eram cumpridas podíamos nos divertir e brincar um pouco como crianças. Iniciei meu dia a alimentar os porcos, as galinhas e os outros animais. Limpei o estábulo.

Já era perto do meio-dia e as escravas saíam com cestos cheios de comida para levar aos escravos na lavoura. Apressei-me a lavar meus pés em um cocho de água e fui atrás de Jacinta, que carregava o cesto de comida.

— Oi, Jacinta. Você vai para a roça?

— Vou, Tião. Já é perto do meio-dia e os nossos precisam comer.

— Posso ir com você? Já terminei minhas tarefas. Então, posso ir?

— Ai, Tião, sei não. Você sabe que seu Bertilo fica de olho. E quem não faz seus afazeres, saindo para correr, ele pune sem piedade.

— Terminei, Jacinta. Eu juro que não vou causar problemas.

— Então está bem! Venha comigo e me ajude a carregar

este cesto. Fiz um doce de banana que você vai gostar de comer com pão de chapa.

— Humm, que delícia, me dá um pedaço?

— Agora não, menino! Deixe de ser apressado!

Pegamos o cavalo, encilhamos e o colamos na carroça. Em seguida, arrumamos os cestos de comida e fomos até a lavoura onde os escravos nos esperavam famintos. Jacinta era uma moça nova, bonita, de pele negra, magra, não muito alta, olhos escuros; tão escuros que mais pareciam duas jabuticabas. Seu corpo era bem acentuado com curvas definidas. Ela era dona de uma beleza rara. Namorava um dos escravos da fazenda, o João, que trabalhava na lavoura junto com os outros escravos. Os dois já estavam juntos havia três anos, mas não pediam a permissão do senhor para o casamento. Temiam que ele não aceitasse e os separasse.

— Jacinta?

— Fala, Tião!

— Você ainda namora João?

— Por que pergunta?

— Vocês não vão se casar e ter filhos?

Ela riu gostosamente, como que achando engraçada minha pergunta. Dona de um sorriso cativante, fiquei deslumbrado com sua beleza.

— Menino, você não é muito novo para esse tipo de conversa?!!

— Ah, Jacinta, já tenho oito anos. Mês que vem é meu aniversário. Então, terei nove anos.

— Ai, Tião, quem me dera fosse tão fácil assim.

— Por que diz isso?

— Não sei. Sabe, Tião, nossos ancestrais dizem que não devo falar nada ainda ao nosso senhor. Ele não aceitaria.

— Ancestrais?

— Isso, Tião! Você sabe que pai Bento recebe os antigos escravos curandeiros para conversar com os mais velhos e passar seus ensinamentos. E, entre as mulheres, tem a tia Anastácia. Ela também recebe outros ancestrais que nos dizem coisas para nos ajudar.

— Então você diz, Jacinta, que pai Bento e tia Anastácia recebem espíritos de escravos mortos para conversar?

— Isso mesmo, Tião, e tem outros de nós com esse mesmo dom.

— Hum, me dá é medo disso! E se depois eles vierem assombrá-la à noite?

— Ai, ai, Tião. Do mesmo jeito que existem pessoas más e pessoas boas, existem espíritos bons e maus. Vai da pessoa aceitar receber esse espírito.

— E você, Jacinta, não tem medo de falar com eles?

— Não. Não mesmo. Esse espírito que tia Anastácia recebe é muito tranquilo e gentil. Chama-se Ana. Ela conta que foi escrava da avó da nossa sinhá Henriqueta. Diz que a sua sinhá era boa com os escravos, e que na época eram poucos na fazenda, todos muito bem tratados. Ela conta que quando o filho dela, o senhor Gervásio, assumiu a fazenda, tudo foi mudando para pior; tudo desandou, foi uma tirania total. Foi ele quem trouxe todos os castigos para a fazenda, e os escravos passaram a temê-lo.

— Uui, graças que nunca conheci esse homem.

— Nem eu, Tião, nem eu.

Estávamos chegando na lavoura; os escravos ainda trabalhavam. Ao nos ver chegar, todos foram em direção às árvores para se sentarem na sombra e almoçar. Largavam suas enxadas e acomodavam-se no chão, cansados e suados, aguardando a refeição.

Jacinta e eu distribuíamos as tigelas e as colheres de pau. Em seguida, um pedaço de pão para cada um. Então, abri o panelão de ferro que continha uma gostosa feijoada feita com restos de porco, como couro, pés, orelha, rabo, e feijão preto. Para engrossar o caldo, tinha farinha de mandioca. Tudo dado aos escravos não era da melhor qualidade, mas sim o que os senhores não comiam ou não podia ir para a venda da colheita. Porém todos degustavam a refeição com prazer. A fome era tanta que eles nem ligavam do que ela era feita. Minha mãe e Jacinta preparavam a comida dos escravos com muito amor e cuidado, usando temperos frescos que havia no quintal, atrás do casarão.

Sentados embaixo da árvore, depois de alimentados, eles descansavam por alguns minutos e conversavam. Eu estava comendo ainda e vi que Jacinta foi sentar-se ao lado de João. Era um moço alto, encorpado, negro. Tinha troncos largos e bra-

ços fortes, cabelo encaracolado e bem cheio, barba feita e olhos castanhos. Sorria ao conversar com Jacinta. Percebia-se todo o amor que os dois nutriam um pelo outro.

O peão da fazenda, seu Januário, não era boa pessoa. Não se confiava nem um pouco naquele homem. Era mau e sem coração. Adorava castigar os homens no tronco e se deitar com as escravas. Percebi que ele não tirava os olhos dela. Assim que terminei de comer, corri até Jacinta para chamar-lhe a atenção.

— Jacinta?!

— Fale, Tião.

— Veja como seu Januário olha para você.

— Tião menino, cadê seus modos, não vai cumprimentar João?

— Oi, João. Como vai você?

— Oi, Tião, vou bem e você? O que anda aprontando? Sei que é muito espoleta e adora assustar os cavalos.

— Ah, João, é que gosto de animais e eles correm tão bem que aprecio fazê-los correr pelo pasto.

— E, então, Tião, o que ia dizer sobre Januário?

— Ahhhh! Veja Jacinta, ele não tira os olhos daqui.

— Jacinta, acho melhor você recolher as coisas e ir com Tião para a fazenda, antes que ele venha incomodá-la.

— Também acho, Jacinta. Sabe que ele é uma cobra que dá o bote sem nem avisar.

— Sei, Tião. Ajude-me, vamos pegar as tigelas e ir embora.

— Jacinta, vejo você logo mais?

— Claro, João! Espero você no lugar de sempre.

Corri para pegar as coisas e colocá-las na carroça, a fim de ir embora. Depois de tudo pronto, Jacinta subiu na carroça, sentou-se ao meu lado, pegou as rédeas e atçou o cavalo para andar. A caminho da fazenda, ela estava quieta e sorridente. Parecia estar com os pensamentos longe, em outro lugar. Ao sair da lavoura, percebi que Januário foi em direção a João e, com um pontapé, o fez levantar para trabalhar. Pobre João, iria sofrer naquela tarde de trabalho. Chegando novamente na fazenda, fui atrás de pai Bento na senzala. Andei, chamei, procurei, fora dela e em volta da casa, mas não o vi. Fui em direção à cozinha. Entrei. Tia Chica estava fazendo seus famosos bolos de milho, uma verdadeira delícia.



— Tia Chica, tia Chica, a senhora sabe de minha mãe?  
— Oi, Tião. Sua mãe está arrumando as camas. O que quer com ela?

— Nada não, queria ver se sabe de pai Bento.

— Ainda não o vi hoje. Será que não foi na mata colher ervas para seus chás?

— Hum, pode ser. Nem pensei nisso.

— Ei, moleque atrevido, já não lhe disse que não o quero na cozinha. Seu molambento! — esbravejou a sinhá Henriqueta ao entrar.

— Boa tarde, sinhá! Desculpe! Só estava procurando minha mãe.

— E o que quer, veio pedir comida? Veio roubar um pedaço de bolo, foi isso?

— Não, sinhá! Só queria falar com ela.

— Você tem que ganhar castigo por estar aqui sem minha permissão. Já lhe disse que não o quero em minha cozinha. Vá, ande, antes que lhe dê umas chibatadas!

Pela mesma porta que entrei, saí correndo. Minhas pernas tremiam, tamanho era o medo que sentia daquela mulher. Nem ao menos entendia por que ela me odiava tanto. Dava para ver em seus olhos o ódio que sentia por mim. Chegava a morder os lábios ao falar comigo.

\* \* \*

No casarão, minha mãe cuidava do serviço. Indo até a cozinha, encontrou tia Chica.

— Tia chica, terminei de arrumar as camas. Vou levar as roupas de cama para as negras lavarem no rio.

— Jurema, Tião esteve aqui atrás de você.

— E onde ele está?

— Não sei. A sinhá o viu aqui na cozinha e ralhou com o menino. O coitadinho ficou todo arregalado e saiu correndo.

— Ahhh, Zambi!<sup>[1]</sup> Até me dá um arrepio só de pensar o que a sinhá pode fazer com Tião. Tia Chica, não sei o que faço para manter esse menino longe da cozinha. Preferia trabalhar com as outras negras na senzala e no quintal; assim Tião ficaria

[1] Zambi: No linguajar dos escravos, significa e equivale literalmente a Deus.

longe do casarão.

— Minha filha, diga ao seu menino para ficar longe desta casa. A sinhá está louca para arrumar uma desculpa e castigar seu filho. Assim que conseguir, nem o sinhozinho poderá protegê-lo.

— Sei disso, tia Chica, mas esse menino não me escuta. Está a todo momento indo e vindo sem se preocupar. E, se eu lhe peço para ficar longe do casarão, fica me perguntando o porquê de a sinhá odiá-lo tanto.

— Você não pode esconder isso dele por muito tempo. Sabe que Tião é amigo de todos e, pela idade que tem, mesmo sendo tão novo, é bem abelhudo e fica sempre na roda escutando a conversa dos mais velhos. Acha que não vão acabar contando a ele? É melhor que você fale, antes que alguém diga e seu filho se rebele contra você.

— Não posso! Não posso. Apesar da sinhá suspeitar, nunca confirmei nada para ela, e se Tião fica sabendo, do jeito que é atrevido, é bem capaz de contrariar a sinhá.

— Seu filho é esperto, Jurema. Esse menino é ladino. O coração dele é corajoso e forte. Mais cedo ou mais tarde, ele vai ter que enfrentar esse destino; e, se você não falar nada, vai afastar a vida de vocês dois.

— Nossos orixás não me disseram nada ainda; só me mandam rezar e esperar. Então vamos confiar e esperar, não é tia?! Rezar e esperar... Vou cuidar do meu serviço. Já volto para ajudar a senhora com a louça do almoço.

\* \* \*

Sem nem pensar, corri para a mata chorando de medo daquela mulher. Mandar me castigar... Já era o meio da tarde e o frio tinha diminuído. O sol estava alto e esquentava um pouco meu corpo pequeno e magrelo. Diferente dos negrinhos da minha idade, eu era mais baixo, magro e de pele mais clara. Não era nem negro nem branco. Os meninos da minha idade me chamavam de negrinho claro, pois minha cor era diferente da deles. Minha mãe nunca me contou quem era meu pai; sempre inventava uma história, dizendo que eu era filho de um negro que ela havia conhecido na juventude. Mas todos diziam que eu

era filho de branco com mãe negra.

Eu estava andando na mata e ouvi um canto. Eram vozes. Segui em sua direção e vi pai Bento sentado na beira de um riacho cantando, lavando suas ervas, colocando-as em um pequeno balaio de palha.

— Pai Bento, posso ficar com o senhor?

— Oi, Tião, sente-se aqui. Já terminou seu serviço?

— Já, sim.

— Já comeu?

— Já, com Jacinta na lavoura.

— E por que está chorando? O que lhe aconteceu?

— Fui até a cozinha e a sinhá me viu, me ofendeu e me expulsou de lá.

— Tião, meu filho, já lhe disse que não quero que vá até a cozinha. Sabe que a sinhá não o quer por lá; o que foi fazer lá?

— Falar com minha mãe.

— Pois deixe disso, menino! Fique longe daquela cozinha ou a sinhá irá castigá-lo.

— Pai Bento, quero lhe perguntar uma coisa.

— Pois, pergunte!

— Quem são nossos ancestrais?

— Ah, Tião, cada escravo tem seus ancestrais. São nossos pais, avós, bisavós. São nossos entes queridos que já morreram.

— Mas, pai Bento, Jacinta disse que o senhor recebe nossos ancestrais.

— Isso, Tião. São nossos entes queridos que já se foram e vivem em outro mundo diferente do nosso.

— Eles não estão no céu?

— Muitos deles estão próximos de nós para nos orientar e nos ajudar nas dificuldades. Outros preferem ir para as colônias espirituais, que estão ainda mais distante de nós. E lá eles vivem até poderem voltar para a Terra novamente, em um novo corpo.

— Ah, pai Bento, isso tudo é verdade mesmo? Quem disse isso ao senhor?

— Os espíritos, Tião. Eles são instruídos. Veem coisas mais além. Sabem de mais coisas que nós, vivos aqui na Terra. Um dia, Tião, você terá a oportunidade de participar de uma conversa com nossos orixás.

— Não sei, pai Bento, e se eu tiver medo?

— Isso só mostra que você é um ser humano com todas as forças e fraquezas. O medo faz parte de nossa evolução. Você tem que aprender a lidar com ele. O medo está em sua mente; é ela que comanda seus sentimentos. Mas agora vamos! Ajude-me com esses dois balaios. Temos que levá-los à senzala e preparar os chás.

De volta à fazenda, já no fim da tarde, fui até à senzala com pai Bento ajudar no preparo das garrafadas de chá. Chegando lá, fui logo ajudando acender o fogo, indo buscar lenha e água no rio. Pai Bento arrumava os caldeirões de ferro para começar a fazer os chás.

— Pai Bento, você faz chá para quê?

— Para todos os tipos de doenças, Tião. Com esse frio, os escravos adoecem muito facilmente. Faço chá para os rins, para dores no corpo, arrepios de frio, feridas no pé, para quem não consegue fazer xixi, para picada de cobra, entre outras coisas.

— E com quem aprendeu tudo isso, pai Bento?

— Aprendi muito com minha mãe. Ela fazia de tudo. Aprendi até mesmo para tirar um filho de dentro da mãe.

— E o senhor faz?

— Não, Tião. Eu sei fazer, mas não faço. Depois que minha mãe morreu, ela penou muito de arrependimento por esta senzala. Lembro que no final da vida ela ouvia o choro dos bebês, e então fiquei com medo e nunca quis preparar esse chá.

— Mas para que tirar os bebês?

— Minha mãe dizia que os senhores e os peões da fazenda se deitavam muito com as negras, e elas embuchavam. Então, casadas com os homens negros, não podiam carregar esse filho. Vinham até ela para tirar suas crias. Se elas os pariam, eram abandonadas pelos maridos e sofriam nas mãos das sinhás e das mulheres dos peões. Contava minha mãe que uma negra teve um filho com o sinhozinho Adolfo, e o marido dela a expulsou da senzala a pontapés; bateu na pobre mulher e a colocou para fora com a criança. Quando a sinhá descobriu, mandou o peão da fazenda arrancar-lhe todos os dentes da boca, dar-lhe dez chibatadas e jogar a criança no rio. Minha mãe dizia que a coitada sofreu que nem um cão. Foi abandonada na senzala nua e sem dentes, coberta de sangue. Não resistiu uma semana e morreu. Então, as outras negras temiam por isso e pediam para